



Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos - UFRJ

VOLUME 6 NÚMERO 1

Janeiro/ Junho 2010

ATIVIDADES DE LAZER DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE CANOAS/RS.

Edmilson Santos dos Santos

RESUMO

A construção da identidade juvenil é subsidiária dos projetos que são constituídos no âmbito do lazer. Compreender como essa realidade se apresenta torna-se importante para ajudar os gestores públicos na estruturação de políticas públicas voltadas para o público jovem. O objetivo principal deste estudo foi apresentar um panorama das atividades de lazer de jovens estudantes do ensino médio nos turnos sábado à tarde, domingo pela manhã e domingo à tarde, a partir dos marcadores sociais gênero, raça, presença de alguma deficiência e nível socioeconômico. A amostra deste estudo corresponde a uma subamostra da pesquisa Mapa do Lazer Juvenil da Cidade de Canoas/RS formada por 708 alunos de escolas públicas e 253 de escolas privadas. O cenário apresentado não nos permite constituir uma idéia de juventude alicerçada por um único projeto de identidade. O gênero e a condição socioeconômica ajudam a melhor compreender as opções que são colocadas à disposição do grupo de jovens.

Palavras-chave: Juventude. Lazer. Identidade.

Leisure activities of high school students in Canoas/RS

ABSTRACT

The construction of young people's identity is dependent on projects dealing with leisure activities. Understanding this reality is important to help public managers to structure public policies directed to young people. The main objective of this study was to present an overview of leisure activities performed by high school students on Saturday afternoon, Sunday morning, and Sunday afternoon, considering social markers such as gender, race, disabilities, and social-economic level. The sample considered in this study corresponds to a sub-sample of the research called Map of Leisure of Young People in Canoas/RS, involving 708 students from public schools and 253 from private schools. The scene has not allowed for a notion of youth based on a single identity project. Both gender and social-economic level contribute towards a better understanding of options available to this group.

Key Words: *Yout., Leisure. Identity.*

INTRODUÇÃO

O tema do lazer e da juventude tem ocupado uma posição privilegiada no debate sobre políticas públicas. Importantes produções, como de Novaes e Vannuchi (2004)

e de Abramo e Branco (2005), têm ajudado a impulsionar a discussão sobre diferentes temas que hoje preocupam os jovens e a própria sociedade. Infelizmente, o tema do lazer aparece apenas de forma periférica nesse debate. Há um importante paradoxo, apesar de não aparecer de forma central o lazer é uma das principais atividades desenvolvidas pelos jovens. Considerados por Pais (1990) como inseparáveis, esses temas ajudam a compreender as transformações no campo da construção da identidade desse grupo. Por exemplo, não raras são as propostas que apontam o lazer como uma importante atividade de inclusão de jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social. Porém, a produção acadêmica não tem impulsionado essa discussão de forma a garantir um campo sólido de análise.

Pensar a juventude exige uma reflexão preliminar que não se enquadra no debate etário nem nos traços psicológicos desse grupo. Como disse Bourdieu (1983), a juventude é apenas uma palavra. Há diferentes formas de viver a juventude, e elas não podem ser reduzidas a uma narrativa totalizadora capaz de, falsa e pretensiosamente, universalizar as experiências no campo do lazer. É necessário utilizar outros marcadores, que podem produzir formas alternativas de experimentação do lazer e da juventude (BRENNER, DAYRELL e CARRANO, 2005).

Um dos importantes marcadores para operarmos esta análise está associado ao debate sobre gênero. Experiências diferenciadas na construção da identidade sexual moldam hábitos e atitudes que impactam de maneira decisiva no lazer. Alguns estudos que buscaram compreender o lazer de jovens indicam uma limitação, imposta pelas famílias, nas experiências das meninas (FRANCH, 2002; BRENNER, DAYRELL e CARRANO, 2005; ABRAMO, 2005; SANTOS, CARDOSO e REPPOLD FILHO, 2008). Os hábitos, valores e costumes apreendidos no âmbito privado apontam para uma diferenciação no comportamento esperado no terreno do lazer.

É importante destacar que diferentes projetos generificados de juventude estão em movimento e procuram sedimentar certa feminilidade que vai pela contramão daquilo que, por exemplo, é experimentado no esporte: força, autonomia e desenvoltura. Há uma pressão da sociedade e das famílias para que as meninas assumam estereótipos de gênero que as afastam da prática esportiva (MYOTIN, 1997; TEIXEIRA e MYOTIN, 2001). Isso pode justificar a menor participação das meninas em redes sociais esportivas.

No trabalho de Brenner, Dayrell e Carrano (2005) [baseado na Pesquisa Nacional Perfil da Juventude Brasileira desenvolvida pelo Instituto Cidadania, Sebrae e Instituto Hospitalidade] apontam que o futebol é o principal responsável pela desigualdade de participação de meninos e meninas em atividades esportivas. Parece que o terreno esportivo, como um todo, é uma expressão que guarda uma relação muito umbilical com o público masculino. Dunning e Maguire (1997) compreendem que são as características andriarcais, da dominação do macho, que perduram e criam barreiras invisíveis à aproximação das mulheres ao terreno esportivo. Para Dunning (1992), há aspectos miméticos da representação do etos guerreiro, o homem-herói, caçador e conquistador, que são experimentados de uma maneira muito peculiar pelos meninos no esporte, e não pelas meninas.

Uma relação interessante sobre tempo disponível para o lazer e a possibilidade de sua experimentação é aquela colocada pelas obrigações com o trabalho doméstico familiar (OTDF). A participação das meninas no cuidado com a casa parece ser um marcador de sua feminilidade, seja como um contributo para a formação da esposa dedicada, seja para a formação com vistas a carreiras domésticas, porta importante para o ingresso no mercado de trabalho das meninas pobres. Esse papel não é exigido na mesma intensidade para os meninos. Consequentemente, as obrigações com o trabalho doméstico familiar impactam na diminuição do tempo disponível para o envolvimento com atividades no âmbito do lazer. Isso significa que a disponibilidade de tempo, decisiva para o desenvolvimento do lazer, é marcada socialmente por um recorte de gênero (SANTOS, CARDOSO e REPPOLD FILHO, 2008).

Não podemos deixar de destacar também a necessidade de incorporarmos outros olhares na interpretação do fenômeno do lazer juvenil. Pouco explorado pela literatura nacional, o que por si só já é um registro da dificuldade de se fazer um debate nessa linha num país pretensamente democrático racialmente, é o olhar sobre aspectos raciais da formação da juventude. A leitura de dois trabalhos que se colocam em perspectivas opostas na análise cotidiana do problema racial brasileiro ajuda-nos, em muito, a compreender essa complexa dinâmica: *Racismo à brasileira*, de Edward Telles (2003), e *Cabeça de Porco*, dos rappers MV Bill e Celso Athayde (ATHAYDE, SOARES e BILL, 2005).

O primeiro é um trabalho acadêmico produzido por alguém que não se deixa enganar pelo canto da sereia (esse personagem entra no texto apenas metaforicamente para designar a pretensa democracia racial brasileira); o segundo, uma etnografia da experiência produzida por pessoas que não possuem titulação acadêmica, mas que são capazes de dar voz ao conjunto de injustiças sociais produzidas cotidianamente em torno dos jovens de periferia, em sua maioria, negros. Podemos acrescentar ainda, numa perspectiva focada no debate sobre o lazer, o trabalho de Santos, Damico e Freitas (2006). Ainda incipiente no Brasil, essa área necessitaria de um volume maior de trabalhos para compreendermos como se opera a relação juventude, raça e lazer.

Outro aspecto pouco explorado por nossa literatura diz respeito àquilo que se convencionou representar como sendo o ser humano portador de uma deficiência. Apesar de ser um tema importante, pouco se tem feito para tratar esse contexto distanciando-se de um olhar centrado na patologia (física ou mental). Ainda mais periférico está o debate sobre o lazer desse grupo. Considerar a variável da deficiência no contexto do lazer permite entender que, também aqui, encontramos diferentes oportunidades de lazer e de interação social.

Num estudo piloto sobre o lazer de estudantes em um bairro da cidade de Canoas/RS, Mandarino, Santos e Pereira (2007) destacam que ficar em casa nos finais de semana é uma opção que aparece na forma de segregação espacial. O contato dos jovens com o conjunto da cidade ou com a região onde residem é restrito – e, muitas vezes, impedido – por barreiras físicas (arquitetônicas) e/ou simbólicas. Essa realidade aproxima-se daquilo que Bauman (1998) anuncia como uma posição de arrivistas, ou seja, alguém no lugar, mas que não está inteiramente no lugar. Os mecanismos que se destacam na construção de identidades no âmbito do lazer, principalmente para a população considerada neste estudo, são importantes para que possamos entender melhor um mundo marcado por diferenças que acabam por estabelecer a capacidade de trânsito dos sujeitos.

Também não podemos deixar de destacar que, como apontam Estanque (1995), Vianna, Rígido e Ferreira (1999), Groppo (2000) e Brenner, Dayrell e Carrano (2005), bases socioeconômicas desiguais criam diferentes oportunidades no âmbito do lazer. O nível de bem-estar de uma população pode ser determinado pela distribuição dos recursos

disponíveis (BARROS, MENDONÇA e DUARTE, 1997; BARROS, HENRIQUES e MENDONÇA, 2000), e, certamente, o lazer está incluído.

Nas regiões onde habita o contingente da população brasileira que está próximo ou abaixo da linha da pobreza, o quadro de vulnerabilidade social cria grandes dificuldades na experimentação do lazer. Isso ocorre principalmente por meio da precarização dos serviços públicos, impedindo a ampliação da melhoria das condições de vida, o que, por conseqüência, compromete a superação desse quadro.

A precariedade e ou a inexistência de equipamentos públicos de lazer qualificados, principalmente nas regiões mais pobres, transformou a rua como espaço privilegiado para o lazer juvenil. Para Magnani (1998), essa mudança de status da rua se dá por conseqüência da falta de equipamentos de lazer. Guimarães (1997), por sua vez, destaca que o uso da rua, como um fenômeno urbano, possui uma relação muito forte com o público masculino na experimentação de seus padrões de virilidade.

Nesse sentido, gênero, raça, presença de alguma deficiência e condição socioeconômica são aspectos que dão contornos especiais ao tema lazer e juventude, produzindo diferenciações e construindo identidades. Identidade aqui deve ser entendido no sentido que é proposto por Hall (1999). Portanto, uma análise que busque focar diferenciações e descontinuidades, em vez de um discurso pretensamente homogêneo sobre a juventude, pode-nos ajudar a compreender melhor essas questões.

Este estudo teve por objetivo identificar como os estudantes do ensino médio que participaram do Mapa do Lazer Juvenil da Cidade de Canoas/RS¹ organizam o lazer de final de semana, especialmente no sábado à tarde, domingo pela manhã e à tarde, a partir dos seguintes marcadores sociais: gênero, raça, presença de alguma deficiência e nível socioeconômico.

MATERIAL E MÉTODOS

A amostra deste estudo corresponde a uma subamostra da pesquisa Mapa do Lazer Juvenil da Cidade de Canoas/RS, realizada no ano de 2006. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Luterana do Brasil e seguiu as orientações previstas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Participaram deste estudo 2.608

estudantes dos três anos finais do ensino fundamental e do ensino médio de escolas públicas e privadas. A subamostra, composta apenas por estudantes do ensino médio, está assim distribuída: escolas públicas (n = 708) e escolas privadas (n = 253).

O estudo caracteriza-se por ser do tipo exploratório. Seu objetivo principal foi apresentar um panorama das atividades de lazer dos jovens estudantes do ensino médio da cidade de Canoas/RS nos turnos sábado à tarde, domingo pela manhã e domingo à tarde, a partir dos marcadores sociais gênero, raça, presença de alguma deficiência e nível socioeconômico. O nível socioeconômico foi estabelecido a partir do tipo de escola a que pertence o estudante: escola privada – melhor nível socioeconômico; escola pública – menor nível socioeconômico.

Participaram do inquérito os alunos que compunham as turmas selecionadas e que compareceram à aula no dia em que o *survey* foi aplicado, no mês de novembro de 2006, nos turnos da manhã e tarde. O estudo foi aplicado simultaneamente em todas as escolas que participaram da amostra durante a segunda-feira para que a recordação das atividades de final de semana pudesse garantir uma proximidade temporal com o fenômeno estudado. A base temporal de análise - final de semana - foi a mesma entre os estudantes.

A amostra do Mapa do Lazer Juvenil da Cidade de Canoas/RS caracteriza-se por ser de estágios múltiplos e está dividida em quatro momentos. No primeiro, procuramos garantir a mesma representatividade de alunos de escolas públicas e privadas. O segundo critério buscou garantir a representatividade populacional das regiões da cidade. No terceiro, houve o sorteio das escolas que deveriam participar da amostragem, tendo como referência que cada uma disporia de três turmas, uma para cada ano do ensino médio. Por último, houve o sorteio das turmas que iriam compor a amostra.

O instrumento base para a realização deste recorte foi o inquérito Mapa do Lazer Juvenil. Esse instrumento é um questionário semi-estruturado composto por oito eixos temáticos: a) caracterização do jovem (idade, sexo, raça - por autodefinição -, filiação, tipo de escola, série, bairro, religião); b) materiais para uso no lazer; c) trabalho; d) prática de atividades no turno inverso; e) atividade de lazer mais importante realizada no último final de semana: sábado à tarde (ST), sábado à noite (SN), domingo pela manhã

¹ A cidade de Canoas localiza-se na Região Metropolitana de Porto Alegre. Representa o segundo PIB do Estado e o vigésimo sexto do país. Apesar da riqueza é marcada por muitos contrastes.

(DM), domingo à tarde (DT) e domingo à noite (DN). O sábado pela manhã não compõe o espectro de análise, tendo-se em vista que ele é utilizado pelas escolas, muitas vezes, para garantir os dias letivos; f) avaliação da infra-estrutura do bairro onde reside; g) obrigações com tarefas domésticas; h) vulnerabilidade social dos estudantes (gravidez, AIDS, droga e violência).

Para efeitos deste trabalho, operamos a análise apenas dos turnos diurnos (ST, DM e DT). A motivação para este recorte está associada a duas questões. São nos turnos diurnos onde encontramos uma maior variedade de atividades e uma maior distribuição percentual entre elas.

No total, os estudantes apontaram 46 diferentes atividades. Para melhor organizarmos a análise, elas foram agrupadas da seguinte forma: atividades culturais², em que foram enquadradas idas a *show*, teatro ou cinema, leitura, visita a CTG (Centro de Tradições Gaúchas) e ensaio de banda; atividades esportivas, implicando a prática de um determinado esporte; trabalho; obrigações com o trabalho doméstico familiar (OTDF), que envolviam o cuidado com a casa (lavar, passar, cozinhar e arrumar a casa) ou cuidado com criança da família; ficar em casa, abrangendo desde o simples repouso até assistir a TV ou simplesmente não fazer nada em casa; ficar com os amigos, o que envolvia namorar, passear, conversar na rua e participar de encontro de jovens; Internet; e outras atividades que, somadas, perfazem mais quinze opções.

As informações obtidas permitiram criar um banco de dados que foi submetido à análise de frequência através do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) para o Windows, versão 11. Para verificar possíveis associações entre variáveis, utilizou-se o teste estatístico Qui-quadrado para análise de tabela de contingência, e estabeleceu-se como nível de significância 5% ($p < 0,05$). Para conhecimento das células que indicam uma relação de dependência entre as variáveis (atributos), foram analisados os resíduos ajustados na forma estandardizada.

² A opção pela expressão atividades culturais foi apenas uma resposta para aglutinar diferentes atividades que costumam ser caracterizadas pelas secretarias de cultura como sendo objetos de políticas culturais.

RESULTADOS

As tabelas representam a análise descritiva a partir dos marcadores sociais já apresentados. Na apresentação de cada uma das tabelas, optou-se por realizar-se uma rápida descrição dos aspectos que mais se destacam. Para permitir uma análise comparativa, por parte do leitor, apresentamos primeiro a distribuição percentual das atividades de lazer do conjunto da subamostra. Logo após, aparecem as tabelas que apresentam os seguintes aspectos: gênero, raça e deficiência. Por último, apresentamos o nível socioeconômico em dois momentos. No primeiro, aparece apenas o panorama geral. No segundo, apresentamos o nível socioeconômico comparado com cada um dos sexos.

Tabela 1: Distribuição percentual das atividades de lazer nos turnos ST, DM e DT de estudantes do ensino médio.

Atividades	Sábado tarde	Domingo manhã	Domingo tarde
Ativ. Cultural	3,0	1,6	3,6
Ativ. Esportiva	16,3	5,9	12,9
Trabalho	7,6	3,3	2,2
OTDF	4,1	4,4	1,5
Ficar em casa	22,5	56,1	29,9
Ficar com amigos	15,5	3,2	15,6
Internet	7,0	2,3	5,8
Outras	24,0	23,2	28,5
Total	100	100	100

Os valores percentuais indicam que a atividade ficar em casa obteve, nos três cenários, a primeira opção dos estudantes. O resultado geral também aponta para uma baixa participação em atividades culturais, inferior em todos cenários. Há um baixo valor percentual nas atividades de domingo pela manhã, por conta do monopólio das atividades realizadas em casa. Porém, em termos de atividades sociabilizadoras, praticar esporte e ficar com os amigos ocupam posição privilegiada no sábado à tarde.

Tabela 2: Distribuição percentual das atividades de lazer nos turnos ST, DM e DT por gênero.

Atividades	Sábado Tarde		Domingo Manhã		Domingo Tarde	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Ativ. Cultural	3,0	3,0	0,7	2,3	3,3	3,9
Ativ. Esportiva	28,1*	6,8	8,8*	3,6	20,9*	6,4
Trabalho	9,8*	5,8	5,3*	1,7	3,5	1,1
OTDF	1,6	6,0*	0,9	7,1*	0,7	2,1
Ficar em casa	20,5	24,1	55,2	57,0	31,4	28,8
Ficar com amigos	9,1	20,7*	3,3	3,2	10,5	19,7*
Internet	7,0	7,1	3,0	1,6	4,4	7,0
Outras	20,9	26,5	22,8	23,5	25,3	31,0
Total	100	100	100	100	100	100

* (p = 0,000)

A distribuição das atividades por sexo já nos permite estabelecer algumas distinções. Em todos os cenários, a participação dos meninos nas atividades esportivas representa, no mínimo, o dobro do resultado alcançado pelas meninas e apresenta associação dentro dos níveis de significância estabelecidos pelo estudo. Há uma relação inversa entre trabalho e OTDF entre meninos e meninas. Ficar com os amigos parece ser, como atividade sociabilizadora, uma função importante para a formação da identidade feminina. Nos turnos de sábado e domingo à tarde, essa atividade se destaca.

Tabela 3: Distribuição percentual das atividades de lazer nos turnos ST, DM e DT por raça.

Atividades	Sábado Tarde		Domingo Manhã		Domingo Tarde	
	Branco	Negro	Branco	Negro	Branco	Negro
Ativ. Cultural	2,5	5,0	1,8	1,2	3,5	4,1
Ativ. Esportiva	15,5	19,5	6,3	5,0	12,5	14,6
Trabalho	8,3	7,1	3,5	2,9	1,6	4,1*
OTDF	4,0	4,1	4,6	3,7	1,9	0,4
Ficar em casa	22,3	21,2	55,5	59,3	28,0	34,0
Ficar com amigos	15,7	13,7	3,1	3,8	15,8	16,2
Internet	7,4	6,6	2,5	1,7	6,9	2,9
Outras	24,3	22,8	22,7	22,4	29,8	23,7
Total	100	100	100	100	100	100

* (p = 0,014)

O estudo apresentou apenas associação entre ser negro e trabalho no turno do domingo à tarde. Diferentemente dos jovens brancos, os jovens negros que trabalham têm

seu tempo de lazer diminuído por conta de um marcador que é dado pela cor de sua pele. Para todos os outros cenários de lazer e em todos os turnos investigados, não houve diferença capaz de apontar a raça como variável interveniente na escolha das opções de lazer.

Tabela 4: Distribuição percentual das atividades de lazer nos turnos ST, DM e DT por situação de deficiência.

Atividades	Sábado Tarde		Domingo Manhã		Domingo Tarde	
	Defic.	Não	Defic.	Não	Defic.	Não
Ativ. Cultural	16,7	2,9	0,0	1,6	8,3	3,4
Ativ. Esportiva	0,0	16,7	8,3	5,8	8,3	13,1
Trabalho	0,0	7,4	8,3	3,3	0,0	2,3
OTDF	8,3	4,0	16,7	4,4	0,0	1,5
Ficar em casa	33,3	22,4	50,0	57,0	16,7	30,2
Ficar com amigos	16,7	15,7	8,4	3,1	41,7	15,5
Internet	0,0	7,0	0,0	2,3	0,0	5,8
Outras	25,0	23,9	8,3	22,5	25,0	28,2
Total	100	100	100	100	100	100

Apesar de o estudo não apontar diferenças entre os dois grupos, o percentual alcançado em alguns cenários apresenta algumas distinções importantes. Em oito cenários, o valor percentual alcançado pelos estudantes que possuem alguma deficiência é zero. Isso significa, por exemplo, que, no caso do acesso à Internet, os estudantes deficientes estão completamente excluídos dessa prática de lazer. Porém, como o acesso a essa prática de lazer é muito restrito entre os estudantes, os valores alcançados não chegam a estabelecer associação entre os dois grupos.

Tabela 5: Distribuição percentual das atividades de lazer nos turnos ST, DM e DT por nível socioeconômico.

Atividades	Sábado Tarde		Domingo Manhã		Domingo Tarde	
	Público	Privado	Público	Privado	Público	Privado
Ativ. Cultural	1,7	6,7*	1,4	2,0	3,4	4,3
Ativ. Esportiva	16,4	16,2	5,3	7,9	13,0	12,6
Trabalho	9,3*	2,8	4,2*	0,8	2,4	1,6
OTDF	5,4*	0,4	5,6*	0,8	1,7	0,8
Ficar em casa	23,2	20,6	53,5	63,2*	29,8	30,5
Ficar com amigos	14,3	18,6	3,2	3,5	15,0	17,0
Internet	5,5	11,5*	1,8	3,6	4,9	8,3
Outras	24,2	23,2	25,0	18,2	29,8	24,9

* (p = 0,000)

A distribuição das atividades em quatro cenários parece traduzir o peso do nível socioeconômico na dinamização do lazer juvenil. Assim como o acesso à Internet, a grande maioria das atividades culturais necessita de aporte financeiro para sua realização. Isso cria algumas restrições para jovens oriundos de famílias com menos condições econômicas. E são justamente os jovens dessas famílias que são obrigados, por força das circunstâncias de vida, a envolver-se com o mercado de trabalho. Nesse caso, as obrigações com o trabalho doméstico familiar (OTDF) acabam impondo uma dinâmica diferente entre o tempo disponível para o lazer de jovens de escolas públicas e privadas.

Tabela 6: Distribuição percentual dos meninos em atividades de lazer nos turnos ST, DM e DT por nível socioeconômico.

Atividades	Sábado Tarde		Domingo Manhã		Domingo Tarde	
	Público	Privado	Público	Privado	Público	Privado
Ativ. Cultural	1,7	6,3*	0,7	0,8	2,3	5,5
Ativ. Esportiva	31,4*	20,5	8,6	9,4	22,1	18,1
Trabalho	13,2*	1,6	7,3	0,8	4,3	1,6
OTDF	2,3	0,0	1,0	0,8	1,0	0,0
Ficar em casa	18,5	25,2	52,8	60,6	31,4	31,5
Ficar com amigos	7,9	11,8	3,0	3,9	9,9	11,8
Internet	5,9	9,4	2,6	3,9	4,0	5,5
Outras	19,1	25,2	24,0	19,8	25,0	26,0

* (p = 0,000)

O principal destaque é o comprometimento dos alunos de escolas públicas com atividades associadas ao campo do trabalho. Outras características mais pontuais apareceram: o valor alcançado, comparativamente, entre as atividades culturais no sábado à tarde; o valor da atividade esportiva no turno de sábado à tarde para os estudantes de escola pública; quase 10% das atividades de sábado à tarde, para os alunos de escola privada, está sendo desenvolvida com o uso da Internet; e o valor alcançado pelos estudantes de escolas privadas com a OTDF.

Tabela 7: Distribuição percentual das meninas nas atividades de lazer nos turnos ST, DM e DT por nível socioeconômico.

Atividades	Sábado Tarde		Domingo Manhã		Domingo Tarde	
	Público	Privado	Público	Privado	Público	Privado
Ativ. Cultural	1,7	7,1*	2,0	3,2	4,2	3,2
Ativ. Esportiva	5,2	11,9*	2,7	6,3	6,2	7,1
Trabalho	6,4	4,0	2,0	0,8	1,0	1,6
OTDF	7,7*	0,8	9,1	0,8	2,2	1,6
Ficar em casa	26,7*	15,9	54,1	65,9	28,6	29,4
Ficar com amigos	19,0	25,4	3,2	3,2	18,8	22,2
Internet	5,2	13,5*	1,2	3,2	5,7	11,1
Outras	28,1	21,4	25,7	16,6	33,3	23,8

* (p = 0,000)

Assim como no cenário dos estudantes meninos, o sábado à tarde é o turno em que as distinções são mais nítidas. Há um componente socioeconômico na realização de atividades culturais, acesso à internet e na prática esportiva, opções que permitem um enriquecimento cultural. Diferentemente dos meninos, as meninas de escolas particulares são privilegiadas na realização dessa atividade quando comparadas com as meninas de escolas públicas. As obrigações com o trabalho doméstico familiar apontam uma distinção importante entre o comportamento das estudantes de escolas públicas e privadas. Há uma grande pressão social/familiar para diminuir o espaço de circulação e trânsito das meninas fora do ambiente residencial que impacta principalmente as meninas de escolas públicas.

DISCUSSÃO

Do ponto de vista empírico, a relação entre lazer e juventude não pode ser interpretada a partir de categorias totalizadoras. A análise exige um olhar muito mais sofisticado para cada uma das atividades de lazer apontadas pelo estudo. De antemão, é possível antecipar que o fenômeno estudado está imerso em uma complexidade de elementos e situações que apontam contradições, produzindo uma seqüência interminável de diferenciações (PAIS, 1990). Portanto, não cabe aqui fundar uma unidade social chamada juventude a partir de variáveis tomadas isoladamente. Esse movimento deve ser fruto de uma regularidade empírica (é claro que respeitando o universo metodológico escolhido para o estudo e compreendendo suas limitações para estabelecer uma

determinada representação da realidade). Nesse sentido, nesta seção, vamos inverter nossa análise das variáveis para as atividades e realizar o movimento de retorno.

A atividade cultural, quando percebemos o resultado apresentado na Tabela 1, apresenta o menor percentual das atividades selecionadas para os turnos de sábado à tarde e domingo pela manhã. Esse elemento, por si só, já deve ser um alerta para os gestores de políticas públicas. Excluímos desta análise aquelas atividades desenvolvidas no interior das igrejas e que são discutidas no trabalho de Santos e Mandarino (2005).

Canoas, apesar de ser o segundo PIB do Estado do Rio Grande do Sul, não oferece um volume de opções capaz de garantir diversidade de experimentações no campo da cultura. Há apenas uma rede de cinema, localizada no interior do único *shopping* da cidade, e não há teatro ou um museu capaz de garantir acesso às produções artísticas da cidade.

Apenas no domingo à tarde é que a atividade cultural é ultrapassada pelo trabalho e OTDF. Os valores permanecem inalterados para os níveis de significância estabelecidos pelo estudo quando buscamos compreender o significado de gênero, raça e deficiência na composição desse cenário. No entanto, quando buscamos interpretar o valor da variável socioeconômica na dinamização dessa atividade (Tabela 5), encontramos a primeira conclusão do estudo. Como a associação encontrada nessa tabela se reproduz nas duas seguintes (Tabelas 6 e 7), isso nos permite inferir que a atividade cultural é dependente do nível socioeconômico. Parece aqui que essa dependência esteja associada mais ao universo simbólico e cultural do que com a condição socioeconômica. No sábado à tarde, mais da metade das atividades estão relacionadas a atividades que não envolvem a alocação de recurso financeiro imediato: leitura, visita a CTG e ensaio de banda.

A Tabela 1 permite identificar o valor que a prática esportiva tem como uma das principais atividades de lazer apontadas pelos estudantes. Somente no domingo à tarde ela aparece como a terceira opção. Se levarmos em conta que uma das opções de maior impacto entre os estudantes é ficar em casa, e isso pode significar uma falta de opção, a prática esportiva aparecerá, em muitos cenários (50% dos cenários descritos neste trabalho), como a principal atividade de lazer dos jovens. Esse fato, por si só, já é revelador do impacto do esporte na formação da juventude e na construção de sua identidade.

Confirma-se aqui aqueles apontamentos apresentados por diferentes autores na introdução desse trabalho sobre a construção do gênero.

Nos cenários de raça, deficiência e nível socioeconômico, o estudo não apontou nenhuma associação com a prática esportiva entre os grupos comparados. Apenas em dois, quando comparamos meninos e meninas de níveis socioeconômicos diferentes, aparece uma associação, no sábado à tarde, entre praticar esporte e ser menino de escola pública e praticar esporte e ser menina de escola privada.

No caso das meninas de escola pública, as limitações impostas pelas famílias a elas, quanto ao universo relacional, produzem uma diferenciação importante em relação às oportunidades de lazer. Essa realidade já foi apontada em outros estudos (FRANCH, 2002; BRENNER, DAYRELL e CARRANO, 2005; ABRAMO, 2005). Já as meninas das escolas privadas, por estarem dispensadas dessas atividades (OTDF), estão livres para comporem seu tempo livre com outras atividades mais prazerosas, como pode ser percebido na Tabela 7. Isso indica que a limitação das meninas com relação à prática esportiva no sábado à tarde recebe uma influência muito forte de sua condição socioeconômica.

Porém, quando fazemos uma comparação de gênero é que aparece o papel do esporte na generificação dos comportamentos. Em todos os cenários, foi encontrada associação entre ser menino e praticar esporte (Tabela 2). Ao penetrarmos um pouco mais nas práticas esportivas realizadas, fica evidente o peso do futebol na potencialização dessa diferença. Tal fenômeno já havia aparecido para Brenner, Dayrell e Carrano (2005) quando da realização da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira.

Apesar de não haver nenhuma imposição em termos de hábitos e costumes, barreiras invisíveis, na direção daquilo que é apresentado por Dunning e Maguire (1997), criam restrições quanto ao acesso das meninas às atividades esportivas e à sua permanência. Essas restrições estão balizadas nos constrangimentos sociais e culturais, associados a atividades realizadas no interior das residências.

Outro ponto que não podemos desconsiderar diz respeito ao próprio domínio motriz das atividades esportivas. Como, para muitos estudantes, principalmente aqueles de escolas públicas, a aula de educação física é a única forma de acesso à prática esportiva orientada por um professor, esse resultado deve sugerir algumas reflexões. A principal é sobre como os professores poderão ajudar a garantir um maior empoderamento das meninas

no acesso e permanência nessa aprendizagem, bem como a ampliar seu protagonismo esportivo, mesmo diante das restrições simbólicas colocadas pela sociedade e pelas famílias. Uma maior participação esportiva dos jovens está, necessariamente, associada a um maior engajamento das meninas nas atividades e esse aprendizado inicia na escola. Portanto, esse deve ser um desafio das políticas públicas de esporte e lazer: ampliar a participação das meninas em atividades esportivas.

Quanto a ficar com os amigos, o primeiro destaque que devemos fazer é que não dá para pensarmos nessa atividade dissociada do significado que outras práticas também têm no entendimento do tema, pois, como afirmam Brenner, Dayrell e Carrano (2005), o lazer juvenil é uma experiência cultural coletiva. Neste trabalho, a prática esportiva, apesar de ter um forte impacto associativo, foi analisada em separado, tendo em vista o valor analítico que ela carrega em si. Isso não significa que ficar com os amigos possa ser interpretado como uma realidade menos complexa.

A atividade ficar com os amigos está relacionada a uma série de atividades. São nessas pequenas reuniões que a intimidade surge como algo a ser compartilhado entre pares. No estudo realizado por Franch (2002), o hábito da conversa aparece como uma das principais atividades de lazer na comunidade pobre do Vietnã, em Recife, com 16,7% das opções.

Excetuando-se um cenário que aparece na Tabela 2, o estudo não apontou qualquer associação entre a atividade de ficar com os amigos e as variáveis de análise raça, deficiência e nível socioeconômico. Infelizmente, o recorte metodológico não nos permite interpretar se essa opção, que figura entre as principais, é resultado de um movimento em direção à troca de experiência (algo muito forte na construção da identidade juvenil) ou resultado da falta de opção de lazer dos estudantes. A baixa participação em atividades culturais e o peso das atividades ficar em casa, obrigações com o trabalho doméstico familiar e acesso à Internet podem nos ajudar a compreender esse fenômeno como uma restrição do universo de lazer de alguns e não de outros.

O mesmo raciocínio que estabelecemos para o ficar com os amigos deve ser estendido para o ficar em casa. A casa reúne uma complexidade de ações, que vão do lazer as obrigações com o trabalho doméstico familiar. Como atividade de lazer, destaca-se o hábito de assistir à televisão. Por traduzirem comportamentos interessantes para análise do

lazer é que fizemos um recorte com duas atividades que poderiam engrossar a categoria do ficar em casa, mas que são tratadas aqui de maneira particular: OTDF e internet.

A Tabela 2 permite-nos inferir que as obrigações com o trabalho doméstico familiar estão muito mais associadas a uma experiência do campo feminino do que do masculino. A Tabela 5 aponta que o nível socioeconômico desempenha um papel importante na configuração das experiências no campo do lazer. São os alunos de escolas públicas que estão associados às experiências que limitam o tempo disponível para o lazer com o trabalho e com a OTDF, em dois cenários. Já os alunos de escolas privadas possuem um maior acesso à internet.

Apesar de o aspecto socioeconômico ter um papel decisivo na configuração desses cenários, ele não responde da mesma maneira quando realizamos uma análise de gênero. Há uma baixa participação dos meninos, tanto de escolas públicas quanto de escolas privadas, nas obrigações com o trabalho doméstico familiar. A baixa participação, inclusive dos meninos de escolas públicas, explica a inexistência de uma associação positiva entre ser menino de escola pública e realizar atividades domésticas. Em dois cenários, sábado e domingo à tarde, a participação dos alunos das escolas privadas é nula.

Entre as meninas, a distinção fica mais nítida, como pode ser observado na Tabela 7. O percentual de meninas envolvidas com as OTDF é sempre superior ao alcançado pelos meninos. O valor atingido pelas meninas é sempre superior ao encontrado para os meninos quando comparamos o mesmo extrato socioeconômico (exceção feita no domingo pela manhã, em que o resultado dos meninos e meninas das escolas privadas é o mesmo: 0,8). Porém o valor alcançado pelas meninas das escolas públicas, quando comparado com o resultado das meninas das escolas privadas, é sempre superior, chegando, inclusive, no cenário de sábado à tarde, a apresentar associação para os níveis de significância estabelecidos pelo estudo. Já a experiência com a Internet apresenta-se bastante reveladora. São as meninas das escolas privadas que atraem maior peso na configuração da diferença apontada na Tabela 5, como pode ser observado na Tabela 7. Não podemos deixar de destacar o papel de novas ferramentas como o *orkut* e o *msn* na estruturação de comunidades que têm na troca de intimidades sua principal mola propulsora.

As meninas da escola pública possuem uma menor mobilidade sociocomunitária. Sua mobilidade recebe restrições vinculadas a uma política de gênero produzida no interior das famílias. Esse resultado já havia sido apontado pelo Perfil da Juventude Brasileira como algo típico entre as meninas (BRENNER, DAYRELL e CARRANO, 2005). Em contrapartida, pelo menos em dois cenários (atividade cultural e atividade esportiva), as meninas das escolas privadas estão realizando atividades que permitem um maior enriquecimento cultural. Já as meninas da escola pública estão associadas a ficar em casa e a cumprir as obrigações com o trabalho doméstico familiar. Esse resultado vai ao encontro daquele apontado pelo estudo de Franch (2002).

A Tabela 5 revela também que ficar em casa é a principal atividade realizada pelos estudantes, independentemente do nível socioeconômico. As razões para esse fato podem estar associadas a múltiplos fatores. Porém, o fato de aparecer uma associação entre ficar em casa no domingo pela manhã e ser aluno de escola privada obrigou-nos a lançar um olhar sobre os alunos da escola pública. Eles apresentam associação em duas tarefas impactadas pela condição socioeconômica: ter obrigações com o trabalho doméstico familiar e com o trabalho. A sua opção de ficar em casa (e suas múltiplas formas de expressão) é diminuída por outras atividades que restringem a liberdade de escolha dos jovens em função do seu nível socioeconômico. Nesse caso, ficar em casa assume um significado diferente entre os grupos aqui analisados.

O acesso à internet, principalmente por sua importância para a cultura juvenil, mereceu uma análise destacada. Na Tabela 5, aparece uma associação entre nível socioeconômico e acesso à Internet. São os alunos das escolas privadas que possuem maior acesso a essa importante forma de relacionamento com o mundo e com as pessoas. Para muitos estudantes, o acesso à internet opera como um laboratório social. É através dos *sites* de relacionamentos que muitos estudantes ampliam seus contatos. As trocas de mensagens instantâneas amplificam em extensão e em velocidade a interação social. Essa nova tecnologia está afetando os hábitos e costumes de parcelas cada vez maiores da população. As ferramentas tecnológicas não permitem apenas o contato *on-line*, mas também trocas de músicas, filmes e acesso a jogos em que os participantes são de diferentes regiões do Brasil e do mundo.

Sendo a internet um espaço que permite a ampliação dos horizontes relacionais, é preocupante o resultado encontrado na Tabela 4. Pensar em uma política que garanta o aumento do acesso à rede mundial de computadores de alunos de escolas públicas e das pessoas portadoras de deficiência é condição indispensável para a democratização das opções de lazer.

É importante salientar que este estudo não tem a função de levantar uma bandeira em defesa de uma determinada forma de lazer que possa parecer como mais legítima. A grande questão é entender de que forma algumas variáveis interferem de maneira decisiva no acesso a determinadas formas de ocupação do tempo livre. Compreender como são formados esses cenários deve ser uma prioridade daqueles profissionais preocupados com a formulação de políticas públicas voltadas à juventude.

CONCLUSÃO

Apesar de ser muito comum identificarmos um aferente seguro ao final da sentença juventude, a unidade desta identidade não passa de um artifício lingüístico. São múltiplos comportamentos que são possíveis de serem experimentados enquanto jovem. Portanto, a construção da identidade juvenil é marcada por elementos que se cruzam e outros que estabelecem distinções. Os que se cruzam podem ser interpretados como algo socialmente necessário em direção a um projeto de identidade capaz de demarcar territórios. A casa e as ações de fortes marcadores de sociabilidade, o esporte e o ficar com os amigos, são bons exemplos de uma identidade perseguida pela juventude. As distinções podem ser resultados da falta de equidade na distribuição de uma determinada prática cultural ou a própria expressão da diversidade.

O sábado à tarde parece ser o cenário que melhor exprime estas distensões. Dos 25 contextos onde apareceram diferenças significativas, do ponto de vista do tratamento estatístico, dezesseis delas ocorreram no sábado à tarde. Isto aponta que a distribuição das atividades não é balizada por um critério de ordem democrática. A diferença entre meninos e meninas não pode ser respondida apenas como um resultado da liberdade dos indivíduos. Há pressões sociais que empurram os meninos para atividades fora da casa. Estas mesmas forças criam restrições às meninas. O nível socioeconômico empurra os jovens oriundos

das escolas públicas em direção a atividades que restringem sua capacidade de experimentar o lazer.

Outro ponto importante a ser destacado é a baixa participação dos jovens nas atividades culturais. O consumo de atividades caracterizadas aqui como sendo culturais (leitura, ensaio de banda, cinema, teatro, ida a *show* ou visita ao CTG) depende de outros elementos que são formadores destas práticas. Levando-se em consideração que todas as escolas de Canoas/RS possuem uma biblioteca, precisamos pensar de que forma os projetos pedagógicos estão operando o campo da leitura. A falta de apoio, estímulo e/ou condição financeira respondem a baixa participação no ensaio de banda. O consumo de práticas culturais como o cinema e o teatro estão associados também à existência de apenas uma rede, no caso do primeiro, e a inexistência do segundo. Neste caso, a cidade não tem um projeto cultural que permita, entre outras práticas, o acesso a esta forma de sua manifestação. Isso aponta para o enfraquecimento dos projetos de identidade por conta da falta de opção e/ou de acesso a práticas caracterizadas como de cunho cultural.

No caso das experiências no campo do lazer da juventude a diferença de acesso às atividades desenvolvidas não podem ser interpretadas como resultado da livre escolha, marcador da alteridade. Estudos de corte metodológico qualitativo, como os grupos focais, poderiam nos ajudar a identificar como os jovens percebem estes fenômenos e quais as justificativas que eles estabelecem para a configuração desta realidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. (org.) **Retrato da Juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. (org.) **Retrato da Juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ATHAYDE, C.; SOARES, L. E.; BILL, M. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BARROS, R. P.; HENRIQUES, R., MENDONÇA, R. S. P. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v 15, n. 42, p. 123-142, fev. 2000.

BARROS, R. P.; MENDONÇA, R. S. P.; DUARTE, R. P. N. **Bem-estar, pobreza e desigualdade de renda: uma avaliação da evolução histórica e das disparidades regionais**. Texto para discussão nº 454, IPEA, Rio de Janeiro, 1997.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo. In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983, p.136-153.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Cultura do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. (org.) **Retrato da Juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 175-214.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 5, n. 2, p.321-348, 1997.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 389-412

ESTANQUE, E. O lazer e a cultura popular, entre a regulação e a transgressão: um estudo de caso. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 43, p. 123-145, out. 1995.

FRANCH, M. Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 117-133, jul./dez. 2002.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIMARÃES, E. Juventude(s) e periferia(s) urbana. **Revista Brasileira de Educação**, cidade, n. 5, mai./jun./jul./ago., n5; n. 6, p. 199-208, set./out./nov./dez. 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MANDARINO, C. M.; SANTOS, E. S.; PEREIRA, S. L. Identity and difference: leisure options for disabled youngsters living in Mathias Velho, Brazil. **Journal of the Brazilian Motor Activity** (Supl.).Rio Claro, v.12, n.1, p.368, 2007.

MYOTIN, E. A socialização para o esporte das adolescentes brasileiras: um estudo dos fatores psico-sociais. **Artus**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 86-86, 1997.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs.) **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perceus Abramo, 2004.

PAIS, J. M. Lazer e sociabilidades juvenis – um artigo de análise etnográfica, **Análise Social**, Lisboa, v. 15, p. 591-644, 1990.

SANTOS, E. S.; MANDARINO, C. M. Juventude e religião: cenários no âmbito do lazer. **Revista de Estudo da Religião**, São Paulo, n. 3, p. 161-177, 2005.

SANTOS, E. S.; DAMICO, J. G.; FREITAS, L. C. Pensando o lazer a partir da perspectiva étnica. **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 36-54, jul./dez 2006.

SANTOS, E. S.; CARDOSO, M. F. S.; REPPOLD FILHO, A. Obrigações com o trabalho doméstico familiar e atividades de lazer de estudantes de Canoas/RS. **Revista Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 48-66, jan./jun. 2008.

TEIXEIRA, A. G. A.; MYOTIN, E. Cultura corporal das meninas: análise sob a perspectiva de gênero. **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n. 1, p. 45-48, 2001.

TELLES, E. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Tradução Ana Arruda Calado, Nadjeda Rodrigues Marques, Camila Olsen. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

VIANNA, J. A.; RÍGIDO, S.; FERREIRA, V. P. A ocupação do tempo livre das camadas populares: uma investigação da Cidade de Deus-RJ. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 15-26, nov. 1999.

Contatos dos Autores:

profedsantos@yahoo.com

Recebido para publicação:16/07/2009

APROVADO: 24/08/2010